

O Brasil analisado pelos estrangeiros

A atuação do governo brasileiro, nos últimos meses, vem merecendo severos reparos na análise de graduados diplomatas estrangeiros, que têm informado a seus governos as hesitações verificadas em Brasília. Diplomata de um país ocidental, economia capitalista, considera que o presidente João Figueiredo tinha o objetivo definido de alcançar 15 de novembro com o país distensionado, capaz de realizar a eleição mais livre possível.

De acordo com a interpretação dos fatos dos representantes de governo estrangeiro, a administração Figueiredo atingiu aquele objetivo mas não se reciclagem. Passada a eleição, o governo não designou outro objetivo, evitou conversar com vencedores e vencidos — no nível da composição parlamentar — e refluí para uma posição defensiva, tanto na política quanto na economia. Essa posição defensiva tem sido denominada, nesses relatórios, de indecisão sobre os rumos a tomar, e os diplomatas quando afirmam isto estão raciocinando apenas com os dados da política brasileira.

Sem um novo objetivo e se dispensando de mobilizar a opinião pública para superar as dificuldades do momento econômico atual, o governo teria mudado seguidamente de posição na tentativa de recuperar sua hegemonia no terreno da política partidária. Preocupa mais, àqueles analistas, a condução da política que da economia, pois o entendimento generalizado é o de que o Brasil tomou as medidas acertadas. "O único erro do Delfim, diz um diplomata estrangeiro, foi não ter explicado convincentemente à população o que estava fazendo. As medidas, no entanto, estão corretas".

O diplomata diz isto antes de afirmar que daqui para frente a sociedade brasileira começará a sentir, de fato, os efeitos das medidas adotadas dentro da política recessiva. Vai faltar emprego, a inflação vai disparar, o crescimento da economia será negativo e as contas externas brasileiras ainda estão longe de serem acertadas. "Será um ano muito difícil" afirma outro representante diplomático.

É interessante comentar a análise dos diplomatas estrangeiros, porque eles constituem um corpo de funcionários especializados, capazes da crítica mais profunda sem as vinculações do partidarismo. E os diplomatas acreditados em Brasília evoluem no sentido de perceber uma indecisão no Palácio do Planalto, envolvido por críticas, na defesa e cercado por candidatos à sucessão do presidente João Figueiredo.